

## **A FORÇA ARGUMENTATIVA POLIFÔNICA DO ADJETIVO NAS PRODUÇÕES TEXTUAIS DOS ALUNOS**

**Fernanda Schneider**  
**Universidade de Passo Fundo – Mestrado em Letras**

**RESUMO:** Esta pesquisa tem como objetivo analisar o uso do adjetivo em produções textuais dos alunos de Ensino Fundamental e Ensino Médio. Para a realização deste estudo, apresentamos, num primeiro momento, noções e conceitos sobre a Teoria da Argumentação, desenvolvida inicialmente por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, Marion Corel e colaboradores. No interior desse capítulo, destacamos duas seções: a primeira diz respeito à Teoria da Argumentação da Língua e aborda a polifonia, já na segunda, elucidamos alguns aspectos importantes sobre a Teoria dos Topoi e fizemos uma rápida explanação sobre os modificadores. O terceiro e último capítulo compreende o desenvolvimento da metodologia e da análise do *corpus* desta pesquisa, composta por três textos: uma redação, uma narração e um bilhete. Nesses textos, partindo-se da concepção de que a argumentação está na língua, constatamos que o adjetivo não acrescenta sentido à palavra lexical a qual está aplicado, mas altera a força argumentativa desse léxico, e essa argumentação acontece polifonicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** adjetivo; Teoria da Argumentação; polifonia.

**ABSTRACT:** *This research aims to analyze the use of the adjective in textual productions of the students of Elementary and Secondary Education. For this study, presented at first notions and concepts on the Theory of Argument, originally developed by Oswald Ducrot and Jean-Claude Anscombre, Marion Corel and employees. Within this chapter, we highlight two sections: the first concerns the theory of language and arguments addresses the polyphony, in the second, plain some important points about the theory of top and did a quick explanation on the modifiers. The third and final chapter includes the development of methodology and analysis of the corpus of this research, composed of three texts: an essay, a narrative and a note. In these texts, it is the view that the argument is in the language, we see that the adjective does not add meaning to the lexical word which is applied, but it changes the strength of this argumentative lexicon, and that argument is polyphonic.*

**KEYWORDS:** *adjective; Theory of Argument; polyphony.*

### **INTRODUÇÃO**

Sabemos que o homem é um ser social e racional, e estando ele em contato permanente com seus semelhantes, sempre teve a necessidade de argumentar. Seja para defender seu ponto de vista ou até mesmo para sobreviver. Desde a Grécia Antiga, até os dias atuais, o interesse pela argumentação não é muito diferente. Do ponto de vista da retórica, a argumentação é o conjunto

de estratégias que organizam o discurso persuasivo. Numa perspectiva lógica, a argumentação é um tipo de raciocínio fundado na prova e na demonstração, que procura estabelecer o verdadeiro.

Considerando a concepção tradicional de argumentação, um texto possui sua argumentatividade baseada nos fatos e valores descritos através da linguagem. A estrutura lingüística não tem nenhuma relação com o encadeamento argumentativo do discurso. A argumentação tem como suporte, apenas esses fatos e valores. Nessa perspectiva, a língua desempenha um papel secundário: o de instrumento pelo qual o discurso persuasivo é transmitido; e é considerada como um código pelo qual se transmite uma mensagem. Assim, a língua permanece exterior à atividade argumentativa, pois são as informações veiculadas pela linguagem que promovem a seqüência argumentativa.

Contrariando essa concepção tradicional de argumentação e considerando a linguagem como criatividade, Oswald Ducrot (1977) propõe-se a construir um conceito de argumentação que se distancie dessa noção tradicional. Para o estudioso francês, a argumentatividade está inscrita na própria língua, sendo assim, argumentativa por si mesma.

Assim, este trabalho aborda aspectos da argumentação, e o que se pretende discutir é a relação entre as palavras lexicais (substantivos, verbos) e o adjetivo, suscitando-se, dessa forma, uma reflexão acerca do uso do adjetivo como força argumentativa polifônica. Para isso, tomamos como pressupostos teóricos os da Semântica Argumentativa, desenvolvida por Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre, Marion Corel e colaboradores. Segundo essa teoria a argumentação está na língua, assim, partimos do pressuposto que o adjetivo não acrescenta sentido à palavra lexical a qual está aplicado, mas altera polifonicamente a força argumentativa desse léxico.

## **1. A argumentação na língua**

Neste capítulo, pretendemos sublinhar algumas questões teóricas sobre a Teoria da Argumentação da Língua (TAL) desenvolvida, inicialmente, por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre. De acordo com Ducrot (1998) as palavras, organizadoras do discurso, dizem muito mais do que parecem estar dizendo. Assim, o que está explícito, na superfície textual, é um dos

componentes da construção do sentido de um texto, mas não é o único. Para melhor entendermos essas idéias, passamos para a explanação dessa teoria.

### **1.1 A Teoria da Argumentação na Língua, de Oswald Ducrot**

Oswald Ducrot desenvolveu estudos sobre os operadores argumentativos, escalas argumentativas e polifonia. Suas contribuições têm exercido grande influência no Brasil, ao que se refere às pesquisas lingüísticas. A Teoria da Argumentação, tem se destacado como uma teoria de sentido alternativo a outras que se têm disponíveis.

Oswald Ducrot é precursor da semântica enunciativa, ele foi o iniciador do estudo que enfatiza a força argumentativa nos enunciados, ou seja, o que conhecemos por *operadores argumentativos*. De uma forma geral, o que esse pesquisador defende é a idéia de que o ato de enunciação tem suas funções argumentativas, ou seja, leva o *tu* a uma determinada conclusão ou a desviar-se dela.

Segundo a visão ducrotiana, dizemos sempre alguma coisa em favor de algo. De acordo com essa afirmação, Ducrot ocupa o conceito de polifonia de Bakhtin, mas na lingüística, questiona a concepção da unidade do sujeito de Benveniste e Bakhtin. Assim, para Ducrot (1988, p.16), um mesmo enunciado traz presente vários sujeitos com status lingüísticos e salienta,

[...] o autor de um enunciado não se expressa nunca diretamente, sempre põe em cena em um mesmo enunciado, certo número de personagens. O sentido do enunciado nasce de do confronto dos diferentes sujeitos: o sentido do enunciado não é mais que o resultado das diferentes vozes que nele aparecem.

De acordo com esta concepção é que se pode compreender a questão das diferentes vozes no enunciado. O texto é argumentativo e o diálogo ocorre entre pontos de vista, assim todo enunciado apresenta certo número de pontos de vista (enunciadores), relativos às situações das quais se fala.

A questão discutida por Ducrot a respeito da polifonia desenvolve conceitos estudados por Bakhtin e propõe uma reflexão importante: as palavras dizem muito mais do que parecem estar dizendo.

Para Carla Moraes (2007, p.01), o estudo de Ducrot,

[...] propõe uma reflexão importante, para os estudos da linguagem porque demonstra que as palavras, organizadoras do discurso, dizem muito mais do que parecem estar dizendo, ou seja, a superfície textual, o que está explícito através das formas lingüísticas é um dos componentes da construção do sentido do texto; não é, pois, o único componente.

Assim, para entendermos as informações de um texto, bem como os efeitos de sentido produzidos por determinado uso da linguagem, temos que, no papel de co-autores desse texto, nos remeter aos elementos que cingem os atos de linguagem.

Ao que se refere ao sujeito, ou melhor, à unicidade desse sujeito, Bakhtin e Ducrot, entre outros, desenvolveram trabalhos demonstrando o equívoco da tese da unicidade do sujeito comunicante.

Ducrot salienta que

De minha parte, penso que essa unidade do sujeito falante é muito menos evidente do que normalmente se pensa; no entanto, parece-me que acarreta muitas dificuldades. Para resolvê-las, constrói-se uma *teoria polifônica da enunciação*, segundo a qual em um mesmo enunciado há vários sujeitos presentes, com status lingüísticos diferentes. (1988, p. 16)

Considerando-se que um mesmo enunciado tem presente vários sujeitos com status lingüísticos diferentes é que Ducrot (1988 p. 16-17), apresenta os sujeitos que remetem a funções diferentes: o *sujeito empírico*: o ser real, o autor; o *locutor*: aquele que fala no texto e a quem se confere a responsabilidade enunciativa e o (s) *enunciador (es)*: que são os pontos de vistas abstratos que apresentados e que podem ser identificados com o do locutor. Num enunciado, apela-se ao discurso do próprio locutor, mas também a pontos de vistas de outros. E nesse sentido, a noção do Outro não é somente a de que este está sempre presente (em que se fala sempre para alguém), como também o seu ponto de vista e de outros está incorporado no discurso do locutor.

O sentido de um enunciado depende da decodificação dos pontos de vistas (enunciadores), no entanto o enunciado dá indicações sobre qual conclusão se “deve” chegar.

Nesse sentido é que a teoria polifônica de Ducrot está associada a uma perspectiva de argumentação na língua e as conclusões retiradas no potencial argumentativo do enunciador podem ser implícitas e assumidas por ele ou não. O estudo envolvendo a argumentação tem-se direcionado em aspectos de coesão, função dos advérbios, conjunções e locuções conjuntivas, e incluímos aqui o adjetivo. A intenção argumentativa de um discurso poderá depender, entre outros fatores, do uso destas palavras.

Ao longo do desenvolvimento da sua teoria, Ducrot e seus colaboradores, vêm questionando e reformulando a teoria de argumentação da língua, que apresenta três versões. A primeira é denominada como a forma *standard* e compreende os trabalhos pertinentes às primeiras noções da teoria. A segunda ficou conhecida pela forma “recente”, apresentada nas conferências de Cali (1988), e tem como principal característica a introdução das noções de polifonia e de *topos* no estudo da argumentação. E, a terceira versão é tratada como a teoria dos blocos semânticos. A seguir, faremos apresentamos noções da Teoria dos *Topois*, elucidando assim algumas idéias acerca dos modificadores.

## **1.2. A Teoria dos Topoi**

A noção de *topos* é desenhada por Aristóteles como um tipo de depósito em que há todo tipo de argumento necessário a um orador para a defesa de sua tese. Ducrot e Ascombe (1995) recuperando esse conceito e adaptando à sua teoria, tomam o *topos* como um lugar argumentativo comum que orienta para determinada conclusão. Essa noção é fundamental para este trabalho considerando-se que tomamos o adjetivo como uma força argumentativa que impulsiona a argumentação para que se cheque a dada conclusão. Retomaremos essa noção no terceiro capítulo.

O *topos* é considerado um elemento intermediário, pois permite a passagem de um argumento (A) para a conclusão (C). Possui três propriedades: a universalidade, ou seja, é partilhado por uma coletividade em que participam o “enunciador” e o “destinatário”; a generalidade, pois tem validade para um grande número de situações similares às da situação específica em que é empregado no enunciado; e a gradualidade, em que duas escalas de valor

podem ser relacionadas pelos *topoi*, duas gradações na passagem do Argumento para a Conclusão, sendo essa passagem uma inferência argumentativa. Dessa forma, a interpretação de um enunciado argumentativo ocorre por meio da identificação do *topos* utilizado na enunciação.

Ascombe (1995) distingue ainda o *topos* intrínseco, o qual precisa de informações alheias ao âmbito lingüístico para a recuperação de sentido para uma unidade lexical, e o *topos* extrínseco, o qual necessita recorrer a outro *topos* para o resgate do sentido.

Os estudos de Ducrot e Ascombe voltam-se a observação da gradualidade do *topos* como força argumentativa. Assim, para os pesquisadores o *topoi* pode ser empregado com maior ou menor força, em determinada situação. A orientação e a força argumentativa são estudadas com a atenção na influência de alguns modificadores. Faremos, a seguir, uma breve elucidação de alguns conceitos a respeito desses modificadores, no entanto interessa-nos neste momento, apenas o modificador “adjetivo” cujo emprego nas redações escolares, é o foco deste trabalho.

### **1.2.1 Os Modificadores Realizantes, Desrealizantes e Sobre-Realizantes**

Os Modificadores são de acordo com Ducrot (1995) palavras que interferem na semântica dos predicados (substantivos e verbos), modificando-os, considerando-se que estes já têm argumentação própria. Para a análise neste trabalho, tomamos apenas os adjetivos, no entanto, apresentaremos uma síntese geral dos modificadores. Encontramos os modificadores divididos em três grupos: os Modificadores Desrealizantes (MD) que atenuam ou invertem, abrandando a força com a qual se sobrepõem os *Topoi* que formam sua significação; os Modificadores Realizantes (MR) que aumentam a força argumentativa do predicado ao qual está relacionado e os Moificadores Sobre-realizantes (MR) que reforçam a aplicabilidade de um predicado ou os *topoi* que constituem sua significação.

Os Modificadores Desrealizantes podem atenuar ou inverter aplicabilidade do predicado, diminuindo a força com a qual se aplicam os *topoi*. Faz-se necessário salientar que os aspectos sintáticos são muito importantes na Semântica Argumentativa de Ducrot. Isso porque, mudando a organização sintática de uma frase, muda-se o sentido e a argumentatividade da mesma. Por essa razão, esse aspecto também será considerado na análise *do corpus*.

Como já foi dito anteriormente, o Modificador Realizante (MR) aumenta a força argumentativa do predicado ao qual é aplicado no enunciado. Assim, um substantivo, por exemplo, pode ser modificado por um adjetivo ou por uma oração adjetiva, aumentando assim, sua argumentação.

Quanto ao Modificador Sobre-Realizante (MS), Raymundo da Costa Olioni (2006) explica que Mariam Marta Garcia Negroni estudou essa categoria e verificou que ela se diferencia dos MD e dos MR, principalmente, porque ao reforçar a orientação argumentativa do predicado sobre qual atua, incide em comentário subjetivo do locutor.

Raymundo Olioni argumenta que,

Na Teoria dos Topoi, então, o Modificador de um termo X é um termo Y que, aplicado a X modifica a argumentação normativa (com DONC) de um X. Assim, X é considerado ponto de partida, tendo somente seu potencial argumentativo aumentado (MR), amenizado (MD atenuador), contrariado (MD inversor) – segundo Ducrot (1995) – ou reforçado (MS), segundo Negroni (1995). (OLIONI, 2006, p. 15)

Partindo-se dessas considerações tão discutidas por Ducrot e apresentadas aqui numa síntese de Olioni, reforçamos a ineficiência de alguns livros escolares e sites que orientam a produção de textos, principalmente dissertações. Muitos desses materiais, orientam que seja evitado o uso de adjetivos, para que não se perpassasse emoções e para que o texto seja imparcial. Como se isso fosse possível. Desde que seja usado de forma competente, pelo autor do texto, o adjetivo pode ser um recurso de grande poder argumentativo. Isso é o que tentaremos analisar, na análise do *corpus*, a seguir.

## **2. Uma análise do Adjetivo com base na Teoria dos *Topoi***

Com base na teoria apresentada, procede-se a uma análise parcial de fragmentos de textos de três gêneros diferentes. A opção por essa diversidade justifica-se pelo fato de que pretendemos analisar a argumentatividade polifônica do adjetivo, por isso consideramos a necessidade de não nos determos a um único gênero. Além disso, temos a pretensão de analisar o uso do adjetivo por alunos de diferentes séries, níveis e classe social (considerando-se que o texto 1 é de um aluno da

escola particular enquanto o texto 3 é de um aluno do noturno, que trabalha o dia todo e está cursando o 1º ano, pela segunda vez). Essa iniciativa é reforçada pelo fato de considerarmos a sala de aula um espaço de produção e leitura de todos os gêneros, e não apenas da dissertação.

Na seqüência, apresentaremos os trechos selecionados, com a respectiva análise. Consideramos importante esclarecer que os trechos analisados encontram-se no corpo do trabalho e, em anexo, os textos transcritos na íntegra.

### **Texto 1 (anexo 1)**

Os trechos analisados a seguir fazem parte de um texto escrito por um aluno do 2º ano do Ensino Médio diurno, de uma escola particular. O tema proposto consistia em um concurso realizado pelo Jornal Zero Hora, em que eram apresentados alguns textos e sugeriria-se que os alunos escrevessem um texto dissertativo sobre o tema “Ficar ou namorar?”.

#### **TRECHO A**

Hoje em dia “namoro” está fora de moda... para alguns. Agora, a maioria dos adolescente e jovens “ficam”. Namoro é um momento muito *importante* na vida da pessoa, já ficar, segundo o que nós jovens definimos é “*passar tempo com alguém, sem qualquer compromisso*”.

Neste trecho, temos o sintagma nominal “momento muito *importante*” em que o adjetivo *importante* qualifica positivamente “o momento”, que por sua vez refere-se ao substantivo namoro. Há, também, o advérbio “muito” que intensifica o significado do adjetivo *importante*. Em uma paráfrase, “momento muito importante”, poderia ser substituído por “momento importantíssimo”, assim, o superlativo de superioridade levaria a um grau ainda mais positivo do sentido do nome. O substantivo namoro teria sua gradualidade alterada de forma significativa nos seguintes sintagmas: “um momento”, “um momento importante” (MR), “um momento muito importante” (MS), “um momento importantíssimo” (MS).

Como podemos observar, o adjetivo “importante” no contexto lingüístico sob análise, funciona como um Modificador Sobre-Realizante (MS), pois reforça a orientação argumentativa do predicado ao qual é aplicado e é argumentativo porque aponta polifonicamente para a presença de dois enunciadores, um dos quais é assumido pelo locutor. Assim, sua função fundamentalmente é a de revelar a posição argumentativa assumida pelo locutor, no discurso.

#### TRECHO B

Nós jovens sofremos a influência da mídia que prega a sensualidade e a liberação dos impulsos, sem censuras como forma de atuação prazerosa e é mais autêntica, mais satisfatória. Tal comportamento leva à promiscuidade sexual, com suas tristes conseqüências.

Neste trecho, chamamos a atenção para o uso de “suas *tristes conseqüências*”. Primeiramente, “suas tristes conseqüências” refere-se à promiscuidade sexual, ou seja, defende-se que os jovens são influenciados pela mídia, a mídia prega que a liberação de impulsos, sem censuras é *prazerosa* (segundo a mídia), mas por fim o aluno argumenta e posiciona-se contra essa idéia, pois afirma que a liberação leva à promiscuidade sexual e essa leva a *tristes conseqüências*. O adjetivo *tristes* é um MD inversor, à medida que inverte a força argumentativa de conseqüências, ou seja, apresenta-se o argumento de que a mídia reforça a liberação dos impulsos como forma de atuação prazerosa e acrescenta-se que isso leva a *tristes conseqüências*. Novamente, percebe-se que o adjetivo revela polifonicamente a posição assumida pelo locutor.

#### TRECHO C

...vai estar sujeita a uma gravidez *indesejada*.

No enunciado exemplificado, o adjetivo “indesejada” assim como o exemplo anterior, funciona como um MD inversor. Temos um atributo do substantivo “gravidez” que se identifica com o ponto de vista do locutor. Neste momento, percebe-se que o aluno retoma tristes conseqüências e *gravidez indesejada* seria, então, uma dessas *tristes conseqüências*.

## Texto 2 (anexo 2)

O texto 2 foi escrito por uma aluna da 5ª série, de uma escola estadual. O tema proposto era o seguinte (retirado da revista Nosso Amiguinho/Agosto de 2007):

Em festa de rodeio...  
... não dá pra ficar parado! Então, agora, é com você:  
observe a figura e escreva como você acha que terminou a festa de peão. (*A figura era de um touro correndo atrás de um menino*).

### TÍTULO

O trágico, mas feliz fim de festa

Temos, no título deste segundo texto, dois adjetivos que se referem a “fim de festa”. A adjetivação, no título, descreve o “fim de festa” do modo como o locutor a vê. Ao mesmo tempo argumenta, pois ao denominar o fim de festa como trágico, utiliza o advérbio “mas” dando ênfase ao adjetivo seguinte “feliz”. Isso acontece polifonicamente porque se evoca outra argumentação. Ou seja, temos diferentes vozes:

E1 [o trágico, mas feliz fim de festa] locutor aprova

E2 [o trágico, mas infeliz fim de festa] locutor rejeita

Assim, no confronto dos pontos de vista, o locutor se posiciona assumindo um e rejeitando o outro. O mesmo acontece no trecho A, a ser analisado a seguir.

### TRECHO A

Após vários dias de festa, a última apresentação estava para acontecer, Tião montava no touro mais bravo e feroz da região, seu nome já dizia tudo, Bandido.

Aqui, *mais bravo e feroz* é um modificador sobre-realizante, ou seja, reforçam a argumentatividade de touro e consiste em um comentário subjetivo e polifônico do locutor. Afinal, não é apenas um touro, é o *mais bravo e feroz*.

#### TRECHO B

Todos tristes com a notícia foram para o quarto em que ele estava e viram que Tião respirou, abriu os olhos e se mexeu.

Neste trecho, temos a elipse do verbo [estavam] e o adjetivo tristes que implica em uma intenção argumentativa particular para que o enunciado seja entendido e dar, se é que é possível assim dizer, emoção à história. Pois, logo em seguida, acrescenta-se as informações a respeito de Tião e desfaz-se a “*tristeza*”, pois “Ficaram todos *felizes*. Tião voltou para casa”. Assim, como é possível observar, a posição do locutor diante da realidade está marcada e é desencadeada pelo uso dos adjetivos.

#### **Texto 3 (anexo 3)**

O texto 3 foi escrito por um aluno do 1º ano do Ensino Médio noturno, de uma escola pública estadual. A partir da leitura de um texto que relatava a briga entre os moradores de uma pequena vila que havia recebido uma verba para ser aplicada em uma prioridade, o aluno deveria imaginar-se morador da cidade e supor que não poderia estar presente na assembléia. Por essa razão deveria escrever um bilhete para ser lido na assembléia desculpando-se pelo não comparecimento e manifestando-se a favor ou contra a aplicação de toda a verba no asfaltamento da cidade. O trecho a ser analisado é o seguinte:

## TRECHO

Por motivo de força maior eu não pude acompanhar as votações da nossa vila querida.

Neste trecho, o adjetivo “querida” exprime a posição do locutor, assim participa da argumentação, tendo como função: revelar o ponto de vista que o locutor assume em seu discurso.

É fundamental salientar que para a realização da análise neste trabalho consideramos apenas alguns aspectos que envolvem os adjetivos e a argumentação, ficando assim lacunas no estabelecimento de outras relações e aprofundamento de alguns aspectos. No entanto, a rápida análise desenvolvida permite que se tenha uma noção do complexo funcionamento da adjetivação, muito diferentes das regras sintáticas e semânticas propostas pela gramática tradicional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditando-se que como professores, nosso maior compromisso é o de facilitar e promover a aprendizagem, estimulando a vontade natural do aluno de aprender, é importante refletirmos sobre as concepções, objetivos e procedimentos que nos convém utilizarmos quando assumimos a importante tarefa de orientar e avaliar os textos que os alunos produzem na escola.

Assumiu-se neste estudo o posicionamento de que em sala de aula, carece dar à linguagem um espaço maior, ou seja, o mesmo espaço concedido à análise da língua. Várias teorias estudam a língua, mais especificamente: a sua estrutura. Neste trabalho, no entanto, priorizou-se uma abordagem semântico-enunciativa, da Teoria da Argumentação da Língua, de Oswald Ducrot. Essa teoria trata de uma proposta semântica que não esquece o lingüístico, ou seja, é uma teoria do discurso que revela como se produz a argumentação, presente em todos os textos.

Conforme explicitado no decorrer deste trabalho, objetivou-se verificar de que modo os adjetivos poderiam exercer força polifonicamente argumentativa. Dessa forma, foi possível identificar o modo como o locutor argumenta pelo uso do adjetivo, nas estruturas em que esses exercem certa influência. Constatou-se que o adjetivo pode exercer grande força argumentativa, se bem empregado no texto, além disso, participa da argumentação, revelando o ponto de vista defendido pelo locutor.

### REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, Jean Claude (org.). *Théorie des topoi*. Paris: Kimé, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BARBISAN, Leci B. *Cadernos de pesquisas em lingüística*. Porto Alegre: PUC, 2004. p.65-76.
- GIACOMELLI, Karina, PIRES, Vera L. (org). *Programa de Pós-graduação em Letras*. N.1 Santa Maria, 1991. p. 23 – 35.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- DUCROT. Oswald. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Provar e dizer*. leis lógicas argumentativas. São Paulo: Global, 1981.
- \_\_\_\_\_. *O dizer e o dito*. Campinas (SP): Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Argumentação e topoi argumentativos*. IN: GUIMARÃES, Eduardo (ed.) *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

MORAES, Carla R A. *Linguagem verbal, argumentação e polifonia*. Disponível em: <[www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista%25201/word%2520e%2520pdf/LINGUAGEM%2520VERBAL.pdf+A+POLIFONIA+DE+DUCROT&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br](http://www.unimontes.br/unimontescientifica/revistas/Anexos/artigos/revista%25201/word%2520e%2520pdf/LINGUAGEM%2520VERBAL.pdf+A+POLIFONIA+DE+DUCROT&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br)> Acesso em: 28 de BRIL DE 2007.

OLIONI, Raymundo da C. *Os modificadores na argumentação do locutor*. In: Cadernos de pesquisa em lingüística, Porto Alegre, v.2, n°1, p. 9 -21. 2006

SANTOS, Noemi L. dos. *A polifonia no movimento argumentativo do discurso*. In:

TOLDO, Claudia S. (Org.). *Questões de lingüística*. Passo Fundo: UPF, 2003. p. 27-40).

## Anexo 1

### Texto 1

#### “Ficar” hoje

Hoje em dia “namoro” está fora de moda... para alguns. Agora, a maioria dos adolescente e jovens “ficam”. Namoro é um momento muito importante na vida da pessoa, já ficar, segundo o

Trecho A

que nós jovens definimos é “passar tempo com alguém, sem qualquer compromisso”. Pode ou não incluir intimidades, tais como: beijos, abraços e mesmo, relações sexuais. O ficar nada tem a ver com namorar.

Trecho B

Nós jovens sofremos a influência da mídia que prega a sensualidade e a liberação dos impulsos, sem censuras como forma de atuação prazerosa e é mais autêntica, mais satisfatória. Tal comportamento leva à promiscuidade sexual, com suas tristes conseqüências.

Trecho C

Nós somos pressionados a abandonar hábitos conservadores e a adotar as práticas “pecaminosas” ditas pela cultura social. Embora, aparentemente, haja muitas vantagens no “ficar”, as desvantagens, especialmente para a mulher, são inúmeras também. Entre elas podemos mencionar o fato de que vai ficar mal vista, mal falada, vai estar sujeita a uma gravidez indesejada, enfim, muitas são as conseqüências. É importante que se lembre que na é um objeto descartável usado agora, jogado fora depois. Também, o “ficar” tem suas vantagens. Nós podemos não estar certo se queremos realmente namorar, então, melhor deixar claro que não há compromisso do que assumir algo que será realmente falso.

Poder sair por aí sem dar satisfação de nossos atos, pois esta história de ficar, não exige fidelidade. Ou seja, se surgir um outro gatinho ou gatinha, nós não vamos pensar duas vezes para curtir o momento.

Portanto, quando se fica, não há compromissos de que aquela relação vai continuar. Não há muitas cobranças, mas também não há certeza de que nós vamos ter colo quando estivermos tristes e precisando de alguém.

## **Anexo 2**

### Texto 2

#### O trágico, mas feliz fim de festa

TRECHO A

Após vários dias de festa, a última apresentação estava para acontecer, Tião montava no touro mais bravo e feroz da região, seu nome já dizia tudo, Bandido.

Esse era o desafio: o peão que conseguisse montar ao menos oito segundos nesse touro.

Chegando a vez de Tião, ele montou. Tião caiu do touro Bandido, esse touro por sua vez resolveu pisotear Tião, que com situação grave saiu e foi para o hospital. Logo após, o médico deu a notícia de que Tião estava em coma e iria ficar assim por dois ou mais meses. Tião naquela situação ficou por mais de um mês e meio. Certo dia, o médico foi visitá-lo e logo após vê-lo foi avisar aos parentes que ele estava morto.

TRECHO B

Todos tristes com a notícia foram para o quarto em que ele estava e viram que Tião respirou, abriu os olhos e se mexeu. Ficaram todos felizes. Tião voltou para casa, mas vocês acham que ele parou de montar? Não mesmo. Ele continuou a competir em Barretos, mas é claro, bem longe do Bandido.

### Texto 3

#### Assembléia dos moradores!\*

TRECHO

Por motivo de força maior eu não pude acompanhar as votações da nossa vila querida. Pesso desculpas a todos. O motivo foi doença familiar que eu tive que me ausentar da Vila durante este mês e retornarei somente quando o meu familiar melhorar.

Eu poderia dizer a minha vontade nesse bilhete, mas não. Vou deixar, porque eu sei o que vocês escolherem para nossa vila vai ser o melhor. Desculpa o não comparecimento.

Atensiosamente, (nome do aluno).

Obrigado pela atenção.

Desculpe.

\* Texto na íntegra.